

O Desenvolvimento da Linguagem Oral e escrita: a Importância do uso dos Métodos de Alfabetização e aprendizagem.

**Fabiana Mendes Corrêa¹
Simônica da Costa Ferreira²**

RESUMO

O presente artigo versa a respeito de nossas expectativas em ajudar os educadores a preparar suas aulas e torná-las cada vez mais atraentes, ousadas, interessantes. Mostrando as etapas do desenvolvimento da linguagem oral e escrita que nos remete ao uso dos métodos que devem ser vistos como um auxílio no processo de ensino-aprendizagem e para alcançarmos nosso objetivo, qual seja, apresentar as perspectivas da alfabetização e letramento no âmbito escolar e vida social.

ABSTRACT

This article deals about our expectations help educators prepare their lessons and make them increasingly attractive, bold, interesting. Showing the stages of oral language development and writing that brings us to the use of methods that should be seen as an aid in the teaching-learning process and to achieve our goal, which is to present the perspectives of literacy and literacy in schools and social life.

Palavra-chave: Linguagem Oral e Escrita; Alfabetização e Letramento; métodos de alfabetização e aprendizagem.

Keyword: Oral and Written Language; Literacy; methods for literacy and learning.

INTRODUÇÃO

Podemos ver que desde os primórdios do mundo a importância da linguagem, essa responsável por toda a forma de comunicação. O desenvolvimento da linguagem oral e escrita deve ser a de maior preocupação e responsabilidade na vida dos pedagogos, pois cabe a nos a dar origem ao processo do ensino-aprendizagem, nesse contexto não há como não buscar conhecimento sobre esse assunto que é a essencial de nossa vida profissional, por isso

¹ Aluna de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Administração e Ciências Contábeis – FAC/São Roque.

² Mestre em Educação pela Faculdade de Ciências e Tecnologia “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP/Presidente Prudente. Licenciada em pedagogia pela mesma Universidade. Professora orientadora.

buscamos tratamos de forma relevante o assunto alfabetização, que é a decodificação da grafia e aprendizagem da escrita sobre o letramento, que capacita o uso da escrita, da leitura e de compreendê-la. Mas nos atentamos em aprofundamos nos método e teorias de alfabetização e letramento para mediar conhecimento e afinidade, para que como professores, possamos alcançar segurança na sala de aula.

1. O desenvolvimento da linguagem oral e escrita

Ao ouvir o termo linguagem oral, logo lembra-se da fala e é exatamente isso que ela é. A fala acompanha o indivíduo desde que é bebê e é comum ao assistir um bebê balbuciar escutar uma frase: ele está falando! Nesse aspecto, a família, e de forma muito presente a imagem materna, será fundamental na construção da linguagem oral. As palavras e cantigas repetitivas e contínuas corresponderão a um repertório que a princípio será composto por palavras, depois por pequenas frases e assim sucessivamente até que possa desenvolver um diálogo e questioná-lo.

A atividade interativa da mãe é fundamental para a construção da linguagem e para a construção da criança. Os primeiros sons (balbucios) vão se evoluindo por meio de um jogo de imitação, de repetições, de reforço, de correções, em que o adulto vai modelando o repertório fonético da criança. [...] Este comportamento marca um importante passo no desenvolvimento linguístico, obtendo assim, novas informações sobre o mundo que a cerca. (FELIX, 2013, p.1).

Fica clara a presença do uso de métodos fônicos, jogos de imitações e atividades de repetição. Assim pode-se ver que desde os primeiros contatos com a linguagem, o ser humano desenvolveu algum método de ensino-aprendizagem para que o processo se tornasse agradável e ajustável às culturas e situações.

Segundo Ferreira (2008), ler e escrever é um ato comunicativo verbal, que pode sofrer mudanças culturais relacionadas ao sistema alfabético que determina diferenças na organização da língua escrita e falada e que gera uma expectativa sociocultural. Elas são responsáveis pela comunicação escrita, falada, auditiva e visual, tal comunicação linguística verbal é responsável por registrar informações sobre atualidades até informações históricas, por isso a importância do acesso à educação com qualidade para todos.

A palavra alfabetização³ tem como significado o ato de alfabetizar, de ensinar as primeiras letras, ensinar a ler e a escrever, de propagar o ensino da leitura, levar à aquisição dos códigos da língua escrita. Mas a alfabetização não se resume a isso, como nos lembra Tfouni (2010): “Existem duas formas segundo as quais comumente se entende a alfabetização: ou como um processo de aquisição individual de habilidades requeridas para a leitura e escrita, ou como um processo de representação de objetos diversos de naturezas diferentes” (p.16).

É extremamente difícil separar esses processos, porque os dois estão entrelaçados. A alfabetização é um processo individual, mas não tem como ocorrer sem a representação do codificar⁴ e decodificar⁵. Nessa sequência de formular e interpretar os códigos, a alfabetização recebe um sentido próprio e real.

Na alfabetização, aprender a ler e a escrever “significa adquirir tecnologia, a de codificar em língua escrita, e no letramento apropriar-se da escrita ‘própria’, ou seja, é assumi-la como sua ‘propriedade’” (SOARES, 2001. p. 39). Por isso, o ideal é trabalhar alfabetização e letramento juntos, para que a criança aprenda a fazer o uso da leitura, da escrita e de sua compreensão, considerando seu uso um processo interligado, porém, separados quanto à compreensão no processo de ensino-aprendizagem.

Nesse ponto está a importância e a necessidade de se aprofundar na forma de trabalhar com nossos alunos, deve-se cuidar ao escolher o método de ensino a ser utilizado e de como aplicá-lo. Esse deve incentivar e motivar o educando em sua escolarização, para que o processo se torne interessante e eficaz. A escolha dos textos e temas deve assumir um sentido concreto, sendo as cartilhas substituídas por métodos atualizados. “A partir do momento em que o letramento do aluno é definido como o objetivo de ação pedagógica, o movimento será da prática social para o conteúdo, nunca ao contrário, se o letramento do aluno for objetivo da ação pedagógica” (KLEIMAN, 2007, p.3).

O mundo do letrar oferece desde muito cedo uma prática de comunicação e interação, os membros da nova geração conhecem o mundo através das tecnologias que são apresentadas ainda quando estes são muito pequenos. E que, apesar de não serem alfabetizados e não terem conhecimento real de signos, sabem decodificá-los através de comerciais, vídeos, jogos, brincadeiras, *outdoors*, entre outros. Elas respondem

³ Dicionário Houaiss on-line.

⁴ Formular (um enunciado linguístico) de acordo com as regras de uma língua, considerada como código. – Disponível em Houaiss on-line

⁵ Interpretar o significado de palavra ou sentença de uma dada língua natural, considerada como código - Disponível em Houaiss on-line

adequadamente à cobrança social na busca da aprendizagem da alfabetização e letramento. Quando o educador traz para si a realidade do educando, abrindo mão de alguns pré-requisitos, facilita o aprendizado, assim se observa que as dificuldades diminuem acerca da orientação do educador ou da parceria com outro colega, recebendo estímulo destes. Isso instiga a investigação e através desta base o aprendizado acontece de forma significativa.

2. A importância dos métodos e da metodologia;

Método é o processo para se atingir um determinado fim ou para se chegar ao conhecimento, através de pesquisas, sondagem e análise, criando uma didática para gerar motivação na busca do conhecimento. E para que assim seja alcançada a meta do ensino-aprendizagem. Galliano (1979) conclui que método é o “conjunto de etapas, ordenadamente dispostas, a serem vencidas na investigação da verdade, no estudo de uma ciência ou para alcançar determinado fim” (p.6).

Isso se refere ao método favorecer o hábito de pesquisar, estudar. Nesse estágio, cabe a cada pessoa descobrir qual é a melhor forma de aprender, qual técnica usar e como deve aprimorá-la para que se adapte ao seu estilo, sempre visando atingir a meta estabelecida.

A metodologia consiste em uma reflexão sobre os métodos lógicos e científicos e que é descrita como parte integrante da lógica nas diversas modalidades de pensamento e em sua aplicação. Progressivamente, a metodologia que era exclusividade do campo da lógica foi abandonada, e os métodos passaram a ser aplicados em várias áreas do saber. “Se método é meio, caminho, é interessante que a opção do professor seja pelo meio/caminho que, de modo direto e significativo, conduza à aprendizagem” (RANGEL, 2005, p. 10).

Quando falamos de método de ensino podemos acrescentar a esse conceito as palavras organização e ação. O professor deve induzir o aluno a percorrer o caminho de forma organizada para alcançar suas metas e objetivos.

O método de ensino é responsável por ajudar o professor a introduzir conteúdos de forma sistêmica, onde o aluno possa absorver o máximo de conhecimento sobre uma variedade de temas sugeridos. É claro que não se pode desprezar, o cronograma organizacional que deve ter uma linha curricular crescente, mas o professor tem a opção de escolher o método que julgue se adaptar a sua didática e à aprendizagem de seus alunos. É possível perceber a importância dos métodos do ensino-aprendizagem, que são responsáveis não apenas pela alfabetização e letramento, mais para dar uma estrutura concreta, para ser facilitadora no desenvolvimento humano que passa por um processo de construção psíquica,

moral, ética, motora, lógica e linguística. Esse processo de ensino-aprendizagem serve para incentivar, motivar e desencadear as aptidões já existentes no ser humano. Essa construção do pensamento e da subjetividade acontece para que o desenvolvimento se insira com qualidade e siga seu ciclo de construção durante toda a vida, período que o ajudará a organizar seus sentimentos com o intuito de torná-lo uma pessoa com consciência do que é e do que quer.

Por isso devemos sempre buscar o conhecimento ligado a experiência nesse mundo dos métodos e teorias pedagógicas usadas no decorrer da história da alfabetização e letramento no Brasil. Vamos conhecer um pouco de cada dos pesquisadores, idealizadores dos métodos.

4.1 Método Tradicional ou Sintético

O método tradicional, também conhecido como ensino tradicional, é o mais frequente até os dias de hoje. Apesar de ter sofrido inovações, ou por vezes ser usado em conjunto com outros métodos, é reconhecido como de grande valor e importância para a alfabetização.

O método tradicional é aquele que a aula é teórica e expositiva, onde o professor é o centro do ensino, já que é nele que se encontra a fonte de conhecimento e de disciplina. O aluno será seu objeto de conhecimento e deverá todo respeito ao seu mestre que lhe transmitirá todo seu conhecimento. Ao professor cabe ainda a função de vigiar seus educandos e perceber se estão seguindo à risca o que lhes foi passado, por isso é comum o uso de cartilhas e apostilas, sua estrutura é o tradicional bê-a-bá um dos mais antigos métodos de alfabetizar e que perpetua até os dias de hoje, datado por volta de dois mil anos, é um método que se origina do “behaviorismo, teoria do conhecimento que considera a aprendizagem como conjunto de respostas observáveis que são obtidas graças a uma ação precisa e determinada de fornecimento de estímulos do professor” (OÑATIVIA, 2009, p.13).

Esse método tem como princípio ensinar a criança de acordo com uma sequência simples, complexa e cumulativa.

Método alfabético, que está incluso ao método sintético, sua forma é fatiado onde primeiro serão reconhecidas letra por letra e depois se faz a formação de sílabas que será separada por hífen, assim, bê - a = ba, bê - e = be. Segundo Frade (2005), “esse método foi utilizado em massa até meados do século XX, é o método alfabético. Consistia em apresentar partes mínimas da escrita, as letras do alfabeto, que, ao se juntarem umas às outras, formavam as sílabas ou partes que dariam origem às palavras”. (p. 23).

Esse sistema de soletração significa conseguir juntar as letras até a formação de palavras através dos sons de forma individual, até o momento que aconteça a decifração da palavra, depois o ajuntamento de palavras para formar as frases até o aluno conseguirem ler visto outrora como vantajoso, pois a maioria dos sons das letras remete ao menos um fonema, bê – e = be, e talvez por isso nessa época foi criado em algumas regiões do Brasil um alfabeto paralelo, como por exemplo no Nordeste: a, bê, cê, dê, e, fê, ..., mê, nê, etc. Esse método ainda é usado de forma doméstica, com as cartilhas que são vendidas até os dias de hoje para auxiliar as famílias que querem ajudar seus filhos no processo de alfabetização. Afirma-se a certeza da importância histórica desta técnica para o povo brasileiro, lembrando ainda que não há como chegar à alfabetização que não seja através do reconhecimento do alfabeto.

Método silábico é também outro tipo de método sintético, ainda muito usado em nossas escolas desde o ensino infantil. Ao usar a internet para dar suporte para montar as aulas é possível encontrar muitos exercícios com esse método. Esse método funciona da parte para o todo, porém o mais importante a ser analisado e mediado para o aluno é a formação silábica. Parte das sílabas prontas o que se chamam também de famílias: ba-be-bi-bo-bu. Nesse caso, não acontece a articulação das vogais com as consoantes, pois elas já estão prontas. Segundo Frade (2005), esse método respeita a dificuldade do aluno, por isso acontece das sílabas simples para as complexas e compostas. O método ainda exige que forme palavras apenas com sílabas já estudadas de forma gradual, após um bom conhecimento, o método permite que se forme pequenas frases até que o aluno consiga ler fluentemente.

O uso do método silábico é muito famoso, mas também passa pelo processo de memorização formatada e os exercícios são artificiais. Novamente como os outros vistos até o momento, tendem a valorizar apenas a decodificação dos grafemas, dando pouco ou nenhuma ênfase a interpretação dos textos e ao uso deles na vida social das pessoas.

4.2 Método fônico

O método fônico é uma técnica conhecida e reconhecida em todo o mundo. Inclusive em muitos países da Europa ele é usado como método base para a alfabetização, sendo fundamentado no aprendizado da associação do uso de sons. No método fônico as crianças não pronunciam o nome da letra e sim o seu som.

Essa prática abrange o grupo de alunos de uma forma geral, lembrando que os alunos com dificuldade de aprendizagem ou outro tipo de deficiência também serão beneficiados. Não se deve esquecer que esse método é usado de forma precoce desde o ensino infantil,

buscando de forma lúdica e sem apresentação de símbolos, trazer a toda criança o significado do mundo que a cerca de uma forma real.

O método fônico é aplicado de forma gradual e crescente, sempre respeitando o tempo que a criança leva para absorver e compreender o processo. Essa técnica não pode ser considerada uma ação mecânica, porque a criança desde que nasce aprende com a repetição dos sons e gestos. “A aquisição da leitura na abordagem fônica esclarecida não é um processo de treinamento mecânico, mas pertence, ao contrário, ao domínio da descoberta do pensamento”. (CAPOVILLA; SEABRA, 2010, p. 91).

Esse processo requer muitos exercícios que estarão sempre ligados a descoberta do som e a introdução à grafia. A criança identificará a letra ou as palavras através do som pronunciado e a princípio dará a ela o nome do som da sílaba. Exemplo: ca – que – qui – co - cu. Cabe lembrar que é importante seguir a sequência alfabética, sendo assim, as atividades seguirão a mesma linha, e a cada passo do desenvolvimento serão introduzidas palavras com as sílabas já aprendidas. Segundo Capovilla (2010), quando apresentamos atividades lúdicas é importante o uso da música que facilita a aprendizagem e memorização. Após aprendida, cantada e reconhecida, o professor deve pedir que os alunos identifiquem as sílabas que estão sendo estudadas a cada exercício proposto.

Esse método é considerado um método onde o aluno ganha sua independência de forma rápida, inclusive os autores citados ressaltam que é possível alfabetizar uma criança em apenas seis meses. Essa informação mostra porque o método é utilizado como parâmetro obrigatório em vários países desenvolvidos.

4.3 Métodos Analíticos

O método analítico acontece do todo para as partes, os autores que defendem esse método sempre acreditaram que as pessoas primeiro deveriam entender, compreender, deixar fazer parte de si para depois ler e escrever. Dentro do método analítico é preciso falar de vários idealizadores, como Decroly (1932), Montessori (1965) e Doman (1984). Cada um deles acreditava que as pessoas têm que ter o direito de ser letradas e que a alfabetização seria uma consequência conjunta desse processo. O termo letramento surgiu muito depois de Decroly lutar para que ele acontecesse. Interessante citar que os autores citados nesse parágrafo são médicos e encontraram na educação o caminho para realização de seus projetos.

Esse método visa mostrar ao aluno a diferença entre língua escrita e falada, que são bem diferentes, para que não ocorra uma confusão em sua cabeça. Ele é iniciado em um nível

bem simples com palavras que fazem parte do cotidiano da criança, frases que já são usadas por elas, tornando assim o aprendizado interessante e estimulante, pois o assunto desperta interesse e curiosidade nelas.

Os defensores do método analítico acreditaram sempre no ensino de forma natural, respeitando a liberdade e espontaneidade de que pessoas aprendam por si mesmas, por isso essa influência educacional teve algumas fases que vamos ver agora algumas delas.

Método de palavração tem como ênfase a palavra, que é decomposta em sílabas separadas para que sejam conhecidas e depois ajudar na formação de outras palavras. Essa decomposição não é sugerida antes que a criança tenha domínio da palavra, para que não use o método de memorização silábica e sim o do conhecimento gráfico-visual. Não é seguida uma sequência, e sim palavras do convívio social das crianças. O educador costuma usar várias palavras agrupadas e espera o reconhecimento das mesmas pelo aluno, geralmente usa, como auxílio, placas, fichas, cartazes, quadro, etc.

A ordem de apresentação de palavras, quando criteriosamente planejada, auxilia, substancialmente, o estabelecimento de habilidades de leitura inteligente. Ao mesmo tempo a atenção é dirigida aos detalhes da palavra como sílabas, letras e sons. E estes depois reunidos, auxiliam o aluno a enfrentar palavras novas com autonomia de leitura. (RIZZO, 1986, p. 24).

Outra sugestão é a de introduzir imagens ou levá-las a ambientes específicos e mostrar cada objeto, figura, paisagem, e logo depois introduzir a palavra escrita para que esta tenha um sentido real para a criança. Dessa forma, acredita-se que despertará nos alunos o prazer da leitura e gerará curiosidades e sede de conhecimento para novas descobertas. Doman (1984), explica que as palavras devem ser escritas com tinta vermelha, a princípio com 15 centímetros, as figuras devem estar em placas de 30cm x 30cm e que apareça apenas a imagem referida, para que a criança entenda que o que está vendo é algo concreto.

Método da sentencição como o próprio nome evidencia, a ênfase é na sentença, na frase, que, depois de analisada e reconhecida, é decomposta em palavras e por fim separada por sílabas. Lembrando que essa forma visa valorizar a acentuação e pontuação das sentenças, da mesma forma que as palavras, as placas são feitas com frases. Doman (1984) ressalta que há: “Três áreas de crescimento e desenvolvimento intelectual: leitura, conhecimento enciclopédico e matemática. A primeira área é a da leitura e é, de todas, a mais importante. Ler é uma das mais elevadas funções do cérebro humano – de todas as criaturas da terra, somente o homem é capaz de ler. (p.183).

Como nos deixa claro Doman (1984), esse método visa estimular o desenvolvimento intelectual da criança, levando-a desde muito cedo a entender e compreender o mundo que a cerca.

4.4 Método Montessoriano

Maria Montessori médica, inclusive foi a primeira mulher a se graduar em medicina na Itália, iniciou seus trabalhos com crianças com doenças mentais, percebendo que a solução para o desenvolvimento delas era a pedagogia e não a psiquiatria. É muito importante ressaltar que cada atividade indicada por Montessori era primeiro proposto às crianças, e ela observava qual seriam os resultados. Por isso em seus escritos sentimos a segurança com que ela nos propõe suas técnicas.

As escolas têm muito do método montessoriano nos ambientes adequados para cada idade, como por exemplo, as mesas e cadeiras que respeitam a faixa etária dos alunos, os espelhos nas salas de educação infantil, espaços separados por temática, banheiros com vaso sanitário infantil, etc. Tudo preconizando a autonomia da criança. Segundo Montessori, (1965) é importante que todos os móveis sejam acessíveis na altura certa para que as crianças possam alcançar e se acomodar de forma para assim poderem ganhar autonomia, independência, liberdade com ordem e a busca do desenvolvimento natural de habilidades física, social e psicológica da criança.

Maria Montessori dava grande enfoque a liberdade por meio da integração social, como médica sabia que o desenvolvimento da criança está interligado às concepções biológicas e à vivência social. A autora defende a ideia que a criança aprende através de uma educação ativa, por experiências vividas e pela repetição através de atividades físicas, mentais e de reflexão. Fala ainda dos exercícios que as crianças fazem desde muito cedo, através dos quais aprende a se conhecer, conhecer as coisas e ter domínio sobre sua coordenação e movimentos, defende também a individualidade e o tempo das crianças para que se forje a personalidade e o caráter, permitindo que aprendam a respeitar como são respeitados. O estilo de método montessoriano pode servir de grande apoio para professores de educação infantil e séries iniciais, podendo assim transformar as salas de aulas em grandes laboratórios para pequenos gênios.

4.5 Teoria Construtivista

O primeiro questionamento que vem ao ler esse tópico é: por que teoria e não método? A resposta é que o precursor dessa teoria, Jean Piaget (1896-1980), relata que nunca defendeu ou instituiu um método e sim fez estudos sobre o desenvolvimento infantil. Ele primeiro apresenta que o construtivismo é o desenvolvimento da inteligência construída pelo próprio indivíduo por sua convivência e interação com o meio em que vive. Piaget (1978) diz que “as estruturas não estão pré-formadas dentro do sujeito, mas constroem-se à medida das necessidades e das situações”. (p. 387).

Nessa teoria, os autores acreditam que o conhecimento não pode ser depositado do educador para a criança porque ele é construído e reconstruído através de suas experiências e contato com as coisas e meio em que vive mesmo que já se tenha tido contato com o objeto de estudo, essa aproximação será reconstruída pela criança. Segundo Piaget (1996), a criança passa por um processo de adaptação progressista que permite o tempo todo que a criança se equilibre ao encontrar respostas a suas perguntas e se desconstrua. Quando o inverso acontece, é desta forma que ela vai ganhar autonomia em aprender a aprender.

Ferreiro e Tebereoky (1999) procuraram dentro da teoria de Piaget pesquisar sobre o processo de aquisição da língua. Emília, uma de suas discípulas, defendeu muito que o processo da escrita é um modelo a ser seguido, e nunca a ser copiado, que a escrita deve ser objeto. Às vezes é sujeito de conhecimento cultural que está sempre a descobrir e a buscar outras formas ainda não apresentadas de conhecimento, respeitando sempre seu tempo e observado pelo seus níveis. Desde que Piaget apresentou o construtivismo em seus estudos, muitos são os autores que o defendem pelo mundo todo, sendo o construtivismo a base de ensino no Brasil nos dias de hoje, citado nos PCN (1997) como método de ensino.

Piaget (1996) em seus estudos afirma que as crianças não pensam como adulto, aprendem durante seu desenvolvimento que se dá por estágios cognitivos e sensório-motor, se preparando para ser pessoa adulta e ser inserido no mundo adulto. Aprende nesses estágios valores morais e éticos, regras sociais e adquirindo uma maturidade psicológica, e é neste contexto que acontece o mecanismo de processo de assimilação que é a incorporação de objetos do mundo exterior a esquemas mentais preexistentes; e acomodação, que se refere às modificações dos sistemas de assimilação influenciadas pelo mundo externo, esses estágios são:

Sensório-motor, crianças de 0 à 2 anos, essas crianças adquirem capacidade de administrar seus reflexos básicos para que gerem ações prazerosas ou vantajosas. É um

período anterior à linguagem, no qual o bebê desenvolve a percepção de si mesmo e dos objetos a sua volta;

Pré-operacional, crianças de 2 À 7 anos, caracterizam-se pelo surgimento da capacidade de dominar a linguagem e a representação do mundo por meio de símbolos. A criança continua egocêntrica e ainda não é capaz, moralmente, de se colocar no lugar de outra pessoa;

Operações concretas, crianças de 7 à 11 anos, tem como marca a aquisição da noção de reversibilidade das ações. Surge a lógica nos processos mentais e a habilidade de discriminar os objetos por similaridades e diferenças. A criança já pode dominar conceitos de tempo e número;

Operações Formais, crianças a partir de 12 anos, essa fase marca a entrada na idade adulta em termos cognitivos. O adolescente passa a ter o domínio do pensamento lógico e dedutivo, o que o habilita à experimentação mental. Isso implica, entre outras coisas, relacionar conceitos abstratos e raciocinar sobre hipóteses. (FERRARI, 2012, p.2).

Ferreiro (1999) nos explica que é nesse estágio de desenvolvimento que o professor deve introduzir no cotidiano da criança a linguagem oral e escrita de forma evolutiva, pois a criança necessita ser mediada e acompanhada no processo de aquisição da escrita. “A teoria de Piaget nos permite – como já dissemos – introduzir a escrita enquanto objeto de conhecimento, e o sujeito de aprendizagem, enquanto sujeito de cognoscente⁶” (p.31).
vejam as fases da aprendizagem pela sondagem. Icônico: Utiliza desenhos para a representação da escrita, não diferencia o desenho da escrita; Pré-silábica: Não consegue relacionar as letras com os sons da língua falada; Silábica: Interpreta a letra à sua maneira, atribuindo valor de sílaba a cada uma; Silábico-alfabética: Mistura a lógica da fase anterior com a identificação de algumas sílabas; Alfabética: Domina, enfim, o valor das letras e sílabas. (FERRARI, 2011, p. 1).

É nesse processo que se concretiza a alfabetização e o letramento, onde o aluno se apropria da letra como objeto de si na forma de conhecedor dominante.

Para que isso se dê de forma harmoniosa, o professor deve entrar em sala de aula como um tutor, ele será aquele que dará todo apoio e proteção para o seu aluno, respeitando sempre cada estágio de seu desenvolvimento. Para que esse processo aconteça de forma organizada, o professor deve sempre fazer seu plano de aula. Como mediador, necessita ter uma visão ampla das metas que devem ser alcançadas, e em momentos de conflitos saber

⁶ Que conhece ou tem a capacidade de conhecer. – Dicionário Aurélio.

como agir para resolver as intercorrências que surgirão durante o processo de aprendizagem, mas deve principalmente saber como degustar o doce sabor do desenvolvimento de seus alunos.

No construtivismo, o professor e seus alunos podem percorrer um longo caminho desde o ensino infantil até a universidade. Cabe aos educadores buscar meios de mostrar aos educandos a melhor forma de fazer com que o aprender flua de forma eficaz e prazerosa. Nesse processo, com certeza o melhor resultado é formar uma sociedade que tenha consciência crítica para lutar um mundo melhor.

A verdadeira proposta do construtivismo é que o aluno tenha sede de aprender a aprender e que o professor deixe de ser um mero orador, para tornar-se um estimulador de pesquisas e descobertas. O professor tem que ser aquele que promove o aprendizado, usando seus conhecimentos para mediar o interesse da aquisição de conhecimentos. Por isso o professor deve estar sempre atento a tudo que acontece a sua volta, a começar pelo cuidado que deve ter ao arrumar o espaço ofertado para o ensino, preocupar-se com o acolhimento a ser dada, a afetividade a ser dedicada e a parceria e companheirismo ofertados. Esses fatores geram confiança e autoestima nos alunos e motivam os professores no processo de continuidade.

Considerações Finais

Consideramos desde o início a importância das letras. Vimos que estão presente na vida do homem há milhares de anos, acompanhando a história da evolução humana, por isso é tão importante para a criança esse contato com as letras e o quão ansiosas ficam para logo entendê-las. Desde muito cedo as crianças apropriam-se do ato de ser letrados, conhecendo o ato de ler através de comerciais oferecidos pelo mundo tecnológico, por meio daquilo que se oferece para essas crianças. A criança tem sede de aprender, busca por aprendizado o tempo todo. O papel do tutor é indispensável nesse processo, pois é ele que será o facilitador e condutor da criança no caminho da alfabetização e letramento. Para que o processo ocorra com fluidez. Nessa trajetória, o ser humano gera uma produção de conhecimento de forma ativa e que não mais se desfaz, pois, esse aprendizado aconteceu de forma efetiva e ficará armazenado na memória ao longo da trajetória de sua vida.

É admirável notar que na educação não existe verdade absoluta nem tampouco uma receita de como educar, mas é preciso que como educadores nos dediquemos, que tenhamos bom senso e acima de tudo que respeitemos nossa intuição e tenhamos sensibilidade para

compreender as limitações e as aptidões de quem aprende. O que mais me encanta e apavora, nesse mundo escolar é que para aprender, a liberdade do aluno se faz necessária, mas nem sempre se sabe como apresentá-la aos educandos, no intuito de com os métodos que nos são ferramenta consigamos ensinar o aprender a aprender.

Referências Bibliográficas

CAPOVILLA, Fernando; SEABRA, Alessandra G. - **Alfabetização: Método Fônico** – 5ª. ed., São Paulo, Memmon, 2010.

DECROLY, Jean Ovide - **Cours de psychogenese a l'Universite de Bruxelles. Brussels: University of Brussels, 1932** - Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me4668.pdf>, acesso em 20 de abril de 2016.

Dicionário on-line Houaiss - Disponível em: <http://houaiss.uol.com.br/> - acesso em 26 de novembro de 2015.

DOMAN, Glenn; DOMAN Janet – **Como multiplicar a Inteligência do seu bebê** –. tradução de Lourdes Norton, 3ª ed., Porto Alegre, Artes e Ofícios, 1984, revisado em 1994.

FELIX, Sandra Pereira - **Linguagem oral X Linguagem escrita - Visão Missionária** 4T08, 2013 - Disponível em - http://ufmabb.org.br/ufmabbnew/index.php?option=com_content&view=article&id=284:linguagem-oral-x-linguagem-escrita&catid=76:artigos&Itemid=361 - acesso 15 de abril de 2016.

FERRARI, Marcio - **Jean Piaget, o biólogo que colocou a aprendizagem no microscópio** – ano, 2012 - Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/formacao/jean-piaget-428139.shtml?page=1> - acesso em 04 de maio de 2016

_____. - **Emília Ferreiro. Revista Educar e Crescer** - 01 jul. 2011. Disponível em: <http://educarparacrescer.abril.com.br/aprendizagem/emilia-ferreiro-306969.shtml>. Acesso em 04 de maio de 2016

FERREIRO, Emília – **Com todas as letras** - Traduzido: LOPES, Maria Zilda da Cunha; retradução e cotejo de texto, Sandra Trabucco Valenzuela, 15ª edição, São Paulo, Cortez, 2008.

_____; TEBEROSKI, Ana – **Psicogênese da língua escrita** – Tradução Diana Myrian Lichtenstein, Liana Di Marco, Mario Corso, Porto Alegre, Artmed,1999.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva - **Métodos e didáticas de alfabetização: história, características e modos de fazer de professores** - caderno do professor - Belo Horizonte/MG, Ceale/FaE/UFMG, 2005.

GALLIANO, A. Guilherme, - **O método científico: teoria e prática** - São Paulo, Harba, 1979.

KLEIMAN, Angela B. – **O conceito de letramento e suas implicações para a alfabetização** - Projeto temático letramento do professor (UNICAMP), 2007, Disponível em: <http://www.letramento.iel.unicamp.br> – acesso em 23 de março de 2016.

MONTESSORI, Maria - **Pedagogia Científica** - São Paulo, Flamboyant, 1965.

ONÃTIVIA, Ana Cecília – **Alfabetização em três propostas: teoria á prática** – São Paulo, Ática, 2009, (Série Educação em ação).

PIAGET, Jean – **Biologia e Conhecimento** – 2ª ed., Petrópolis, Vozes, 1996.

_____ - **O nascimento da inteligência na criança** - 3ª ed., Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

RANGEL, Mary – **Métodos de ensino para a aprendizagem e a dinamização das aulas** - Campinas, Papyrus, 2005. (Coleção magistério formação e trabalho pedagógico).

RIZZO, Gilda Soares - **Estudo comparativo dos métodos de ensino da leitura e da escrita** - 4ª ed., Rio de Janeiro, Papelaria América Editora, 1986.

SOARES, Magda - **Letramento um tema em três gêneros** - 2ª ed. Belo Horizonte. Autêntica, 2001.

TFOUNI, Leda V. - **Letramento e Alfabetização** - São Paulo. Cortez, 2002. (9ª ed., 1ª reimpressão, 2010).